



# Gaiato



Visado pela  
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

20 DE AGOSTO DE 1960  
ANO XVI — N.º 429 Preço 1\$00

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO \* PAÇO DE SOUSA  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA \* DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA \* AVENÇA \* QUINZENÁRIO  
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

## Cantinho dos Rapazes

**A** PROVEITO meio dia de descanso, em casa de um dos nossos. Não estranho o ambiente. Miro em volta e procuro reconhecer a descrição que ele me fizera da sua casa, na última vez que esteve na metrópole. Tudo tão certo, tão de gosto! Nem importa que a arte não seja aqui o último critério da decoração. O que me rodeia exprime o amor ao Lar, o encanto do seu aconchego — e é feito de coisas pequeninas, pobres, juntas pouco a pouco, como é próprio de quem faz com pouco a sua vida. Por isso, tudo tão certo, tão de gosto! Estou sózinho. Antes de sair, ele veio cerrar a cortina que separa esta varanda da sala de jantar e recomendou que não fizessem barulho. Sobre a mesinha deixou uma garrafa de «Porto» e outra de «Cinzano» para que eu beba perto do almoço o que me apetece.

Ontem regressámos de uma viagem fatigante e eu repousava. Ele entra suavemente no meu quarto, acende a luz muito discreta de sobre a cabeceira, e oferece-me um refresco e um bolinho de bacalhau: «Tome que lhe faz bem».

É cheia de mistério a vida de quem se deu a semear amor. Quanto carinho, tantas consolações que eu tenho recebido destes rapazes a quem nada fiz! De outros que já me custaram dores e muito esforço, é a ingratidão, às vezes, a moeda de troca.

Há tempos, entrava no estabelecimento onde trabalhava um destes, por um recado que era do seu interesse. Ele estava ali, a cinco metros, sentado à secretária, sem me ver. Mando-o chamar. «Que tinha muito que fazer àquela hora e não podia vir» — foi a resposta. À noite, voltou à nossa casa, que tem como sua, o vilãozinho.

Mas o sementeiro de eternidade nunca perde. Sempre a colheita supera o seu próprio merecimento. E o mistério está em que, tantas vezes, colhemos de onde não fomos nós a semear, sem fugir à dor de não vermos os frutos da nossa sementeira, embora certos de que ela não será estéril, porque feita em nome do Senhor.

Tantos carinhos, tantas consolações que tenho saboreado destes nossos rapazes que mal conhecia, ou nem conhecia e por aqui estão tornando maior o nosso nome de Família.

Em outra terra por onde passei, há dias, pessoa responsável fala-me de um dos nossos — e diz e diz e diz: — Sabe que muitas vezes, creio que todos os meses, ele manda celebrar missa pelo Padre Américo?...

Momentos antes, no seu quarto, eu vira uma ampliação de Pai Américo sobre a cama, naquele lugar geralmente reservado a uma estampa sagrada.

Aliás, em quase todas as casas dos nossos que temos visitado, em Angola e Moçambique, o retrato de Pai Américo tem lugar de honra; e de muitos deles que têm filhos, um se chama Américo. Coisas pequeninas, nos parecem, mas que dizem muito alto a verdade e o valor de «um sentido familiar posto em marcha», que é o princípio fundamental da vida em nossas casas. Pois este sentido familiar é um movimento que nada fará parar. Sentido que se mantém em linha ascendente. Aquele sacerdote que os filhos daqueles lares não conheceram é o pai que deu a mão aos pais deles, quando eram rapazitos, em perigo de tantos desvios — e lhos deu ali, homens dignos, considerados no meio onde vivem.

Esse sacerdote é o Avô Américo, que ficará para sempre naquela família a marcar um momento de recomeço, «gerado em dor».

E o mesmo sentido familiar é uma realidade palpável em linha horizontal e descendente: na vida destes lares, na preparação destes filhos tão estremecidos por pais, que, sem a Obra, talvez nunca tivessem aprendido a amar.

Aqui vão, pois, estas notícias tão doces ao meu coração, que vos tem tanto mais presentes, quanto maior é a distância e vos pede que o ajudeis a dar Graças a Deus.



## SETUBAL

**O** Trabalho é o primeiro sacramento do nosso rapaz. O que lhe está mais à mão. O que ele pode receber, mesmo sem preparação e sempre com fruto. «O trabalho deles, feito por eles, é ainda a extinção lenta dos seus defeitos», dizia-nos Pai Américo e deixou escrito nas normas do padre da rua. Quanto mais eu tomo contacto com o rapaz, com os seus defeitos, e com o trabalho e os seus frutos, mais me apetece louvar a Providência que à natureza humana falhada, deixou tão sublime meio de se aproximar do resgate e mais admiro a sabedoria quase inspirada e a experiência inteligente de Pai Américo.

É a bitola mais certa para eu saber do nível da vida de cada um a observação do trabalho individual. Rapaz que trabalha com seriedade, dedicação e gosto, é homem que progride no nosso meio, a largos passos, para um equilíbrio perfeito.

O trabalho cria personalidade, confiança em si próprios, dá-lhes autoridade, conquista-lhes a estima e a admiração dos outros e valoriza-os, mesmo no seu campo material, pois os nossos filhos não têm outra riqueza, além da força dos seus braços e do vigor da sua inteligência.

Eu não posso pensar como a vinte anos da fundação desta obra como a da Rua, com uma doutrinação constante e persistentemente espalhada, nós vamos encontrar asilos de rapazes e raparigas, onde o trabalho tomado a sério é uma coisa desconhecida. Onde a oficina, o emprego e o contacto com a vida de fora seja tomado como experiência temerária, como americanice ou moda modernista.

E quem é que convence as digníssimas e antiquíssimas direcções a mudar de rumo? Quem? — Se nós fizemos assistência durante cem anos assim, como vamos agora mudar de método? — É argumento que pesa pela antiguidade. Só é pena que tenha como único peso a antiguidade.

Disto se me queixava há dias, um alto funcionário do Ministério da Saúde e Assistência. Homem cheio da melhor boa vontade e duma visão clara dos problemas da juventude abandonada.

Quem é que os faz mudar de rumo?

O trabalho do rapaz é ainda uma boa contribuição material para o seu próprio sustento e desenvolvimento das nossas casas. Quem conseguiria construir e cultivar como nós, à custa de salários pagos semanalmente, se às vezes nem sequer temos pró pão de cada dia? E como o fazemos nós? Milagrosamente? Não. — São os rapazes. É o seu trabalho.

Eu vejo daqui as nossas ofi-

duas salas e casas de banho e uma garagem; vejo instalações agrícolas espaçosas que não de ser o mimo dos nossos animais e dos nossos rapazes e sei que da armação do madeiramento do telhado não paguei um tostão. Foram eles os rapazes. Zé Grilo e Manuelzito de Miranda podem trabalhar ao lado de qualquer carpinteiro que não se sentem diminuídos. Falta pôr madeira no salão de recreio e de festas, mas eles estão prontos a voltar. É uma glória para a Obra da Rua, um valor prá Sociedade e uma alegria indiscreta para nós padres da rua e para quantos nos amam.

É, sobretudo, uma dedicação

Continua na página quatro

## Visitantes

Estas palavras deviam ser escritas de joelhos, a jeito de quem reza em Acção de graças.

Sobretudo nestes dias de Verão, é um mundo de gente de Portugal inteiro, a visitar a nossa Aldeia. Há os que vêm de passagem; passam os olhos superficialmente; admiram a grandeza e beleza material e retiram-se. Há os que vêm passar o dia junto de nós, como amigos que se conheciam só de nome, mas não se tinham visto ainda. Estes chamam os cicerones; fazem perguntas; tiram dúvidas; observam com cuidado todos os pormenores; adquirem um conhecimento mais profundo do que é a Casa do Gaiato; regressam ao fim do dia, mas ficam presos pela inteligência e pelo coração.

Há, finalmente, os romeiros; os que vêm em espírito de romagem, trazidos por um motivo de piedade. Destes deveríamos falar de joelhos. Quase sempre trazem a marca do sacrifício e são uma bênção especial de Deus para a Obra da Rua. É o Sobrenatural que os puxa.

Estou a lembrar-me, neste momento, daquele grupo de cinco pessoas que, do Porto, saíram, alta madrugada, a pé, em romagem à Casa do Gaiato. São 33 quilómetros de distância e não é caso único, pois que, como este muitos outros têm trilhado o mesmo caminho. Damos graças a Deus por estes sinais tão claros de Sua Presença junto de nós.

Padre Manuel António

Em 21/7/26 nova carta data do Seminário de Coimbra, dá notícia da chegada do Amigo que vinha a tratamento de águas.

O desejo de o abraçar e a não muita facilidade de lhe aparecer, a não ser se «se encontrar mal(...)», pois neste caso haveria uma razão imperiosa — fá-lo pedir a visita do Amigo:

★

«Coimbra tem muito que ver e eu muito que lhe falar, por isso traga um dia para esta cidade. Arranjarei lugar com antecedência se os hotéis estiverem muito cheios. Eu sigo talvez amanhã para Buarcos, perto da Figueira, passar umas semanas numa casa que o Seminário ali possui. Escreva do Gerez ou do local para onde fôr e eu sigo logo para Coimbra tratar de Si e de o acompanhar por estes sítios mais consagrados aos visitantes. Quero levá-lo à sala aonde ensinava a C. M., a mulher mais sábia do mundo!»

★

A visita foi, pois em carta de 10/9/26, uma vez mais a agradece. Durante ela devem ter sido horas de colóquio íntimo e espiritual, pois esta carta, como que prolongando-as, continua naquela linha apologetica que nos aparece como carácter quase constante neste seu trato com quem lhe tinha tão devotado afecto, ao qual ele queria retribuir com o melhor que tinha para dar: os dons de Deus.

★

«O cristianismo é a norma de vida superior, seguida por uns 33% da população do mundo. Toda a sua doutrina é prática, racional e acessível a todo o espírito bem intencionado. Nada de fanatismos nem de obsecações. Se eu não soubesse dar-me inteira razão da minha fé, deixava hoje a minha crença e esta vida.

A vida interior essencialmente cristã, a grande vida dos fortes e dos generosos, é baseada em última e única análise no AMOR ou na caridade, como lhe chama a Igreja. A caridade é a maior de todas as virtudes da vida

#### continuação da página 4

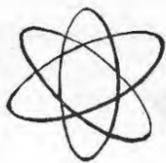
drama e a cujos escritos vou buscar ainda luz e força para prosseguir agora. Isto, porém, independentemente da possibilidade ou não possibilidade do teu auxílio e de modo algum como condição mas só por gratidão de bens espirituais já recebidos.

Se puderes manda o que fôr possível; tudo é colaboração: —cem escudos nos farão amparo. Se não puderes oferece a Deus teu desgosto de limitação e Ele me dará directamente o que desejarias dar-me».

Esta carta é o testemunho de um sacerdote da Nova Lei a revelar a sua felicidade pela descoberta de um tesouro escondido, há muito procurado — Cristo no pobre.

Tal como o homem do Evangelho, dá tudo o que tem e dá-se na ansia de o possuir totalmente.

Padre Manuel António



## FACETAS DE UMA VIDA

sobrenatural do homem. Ouça São Paulo aos 1.ºs cristãos de Corinto: —

«Se eu falar a língua dos anjos e dos homens, e não tiver caridade, sou como o metal que soa ou como o sino que tine. E se eu tiver o dom da profecia e conhecer todos os mistérios e quanto se pode saber, e se tiver toda a fé até ao ponto de poder transportar montes, e não tiver caridade, nada sou. E se eu distribuir todos os meus bens para sustento dos pobres, e se entregar o meu corpo para ser queimado, e não tiver caridade, nada disto me aproveita. A caridade é paciente, é benigna, não é invejosa, não obra precipitadamente, não se ensoberbece, não é ambiciosa, não busca os seus interes-

ses, não se irrita, não suspeita mal, não folga sobre a iniquidade, mas alegra-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. A caridade nunca acabará mesmo que deixem de ter lugar as profecias, ou cessem as línguas, ou seja destruída a ciência».

Eis o reinado de Deus na vida sobrenatural do homem; amor e nada mais. Eis a essência do primeiro mandamento da Lei de Deus: «Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos».

Se procurasse ler os Evangelhos, veria como a doutrina de Jesus respira amor, misericórdia, paz, justiça.

Américo de Aguiar  
(Continua)

## Ordins, R. da Caridade, 16

Deixei o leitor-visitante no escritório, durante estas semanas, à espera de hoje, cumprindo a promessa, poderemos ambos ver o consultório médico da Casa de Jesus Misericordioso.

Os doentes não estacionam no corredor. Pela sua condição, lutei, desde o início, por lhes reservar uma salinha, onde estivessem sentados, à espera da sua vez. Breve, teremos lá quatro bancos, com espaldar, onde podem estar, com certo conforto. Queria uma mesinha de centro, onde pusesse jornais e revistas, para os distrair das suas dores, mas, por ora, não tenho quem ma ofereça.

Mas vamos lá ao consultório. Entremos. Já à esquerda, veja o leitor este cubículo, onde está instalado o aparelho de radioscopia. No consultório, temos um divan e secretária clínica. No chão, a um canto, os aparelhos de raios ultra-violetas e infra-vermelhos. A seu tempo, mandarei colocar uma régua de madeira na parede, para segurar estes aparelhos. Um dos nossos médicos falava-me num tripé e craveira metálicos, mas... Queria, ainda, um armário clínico, para substituir o que ora temos, e abarrotar de medicamentos e já carunchento. Queria, mas... Queria eu mais outro, se a conjugação *adversativa* não viesse transtornar e impedir os meus planos.

Não para outros tratamentos, mas tão só para extracção de dentes, precisa-se duma cadeira apropriada, das mais simples. Fazem também falta uma mesa de pensos, duas cadeiras e um banco giratório. Corri e saltei por tudo isto, nada conseguindo obter. Todavia, por serem coisas necessárias, não de aparecer qualquer dia. Há aqui também lugar para uma balança pesa-bébé e outra para adultos...

O leitor sente-se, por favor, no divan — não temos cadeiras — e examine comigo um orçamento fornecido por uma casa da especialidade. São pinças e espéculos

e tesouras. Estojo para diagnóstico, aparelho para medir tensões e abaixa-línguas. Boticões e agulhas e seringas. E não sei mais quê. Ao fim e ao cabo, se juntarmos algum do mobiliário atrás descrito, a conta anda por 6.693\$00. (O leitor depõe-me nas mãos o orçamento com três pontos de exclamação...)

No consultório diagnostica-se, receita-se. No escritório, resolve-se problemas, ajudam-se os nossos irmãos. Leite, carne, colónia balnear... Nesta hora em que escrevo, estão 14 crianças na praia de Leça da Palmeira, todas chilreantes. São vinte dias de ar, sol e alimentação melhorada.

x x x

Chales... neste tempo nem é bom falar. E os nossos que são tão quentinhos! Pois, mesmo assim, há quem os procure. É uma Maria da Conceição, já outras vezes aqui falada, que se lembrou do Barredo. O remanescente dos 300\$ ficará para a Casa de Jesus Misericordioso. Em Nazaré, há uma Religiosa que muito quer a Ordins. «Com estes (três) já são 52 os chales que mandei vir!»

Lisboa continua fiel à encomenda do chale mensal. O Luabo (Angola) lembra-se do Porto com um médio. É o António Teles com «um abraço muito amigo» a que gostosamente corresponde. Lourenço Marques lembra-se também da Conferência de Paço de Sousa com um dos médios.

Lisboa persevera no seu magnífico propósito de nos dar mensalmente 1.500\$ para chales, a que em Dezembro dará destino. Se todos assim fizessem não haveria «férias» forçadas em Ordins».

Novelos: é a contribuição certa daqueles que, mensalmente ou não, se associam ao destino de Caridade deste Centro de Assistência. Não sei donde 10\$ «para a ajuda dum novelo de lá». Uma Maria da Saudade apa-

## CASOS DO MOMENTO

Televisão. Sim, estimados leitores. É de um aparelho que precisamos. Já fizemos vários pedidos, mas não tivemos sorte. Os senhores nunca costumam deixar-nos ficar mal e temos a certeza que ainda não há-de ser desta. Temos uma sala nova, onde se salienta o trabalho de carpinteiro. Onde há damas, ping-pong, rádio e só falta o aparelho de Televisão. Vinha em óptima altura se calhasse de ser agora. Era uma surpresa para o Senhor Padre Carlos quando chegasse à África. Se vier mais do que um, os senhores não se atrapalham, pois o Calvário também não tem nenhum. Este ainda precisa mais do que nós. Não desesperamos pois bem sabemos que a seu tem-

po tudo vai ser servido e a rapaziada vai ficar mais contente... Não se ponham a pensar que A ou B já deu ou podia ter dado. O que vier não se perde. Nós se pedimos é porque precisamos.

★

O Rink está pronto. Já há desafios previstos e há muita gente a olhar para ele, pois os patins ainda estão por fazer! Os da Tipografia querem distinguir-se. Precisamos de começar os treinos para jogar com o «Resto do Mundo», designação que damos às restantes oficinas. Mesmo para os célebres encontros entre o «Céu e Inferno...»

O Senhor Padre Manuel já pede e muito bem. Ele sabe pedir, mas nós pedimos também. Não fica mal pedir. Os senhores já sabem como é... Todos esperamos muito em especial os da Tipografia que andam mal vistos... Quem vem para a rua dar sinal, quem? Não se está a ouvir nada para aqui. Ai não se ouve?

★

Passou mais um aniversário da «Voz dos Novos» e o edifício da Redacção esteve embandeirado. Realmente a folha cai bem e anda na alma dos nossos rapazes. Todos amam. Todos lêem. Todos apreciam e todos têm a lucrar, pois daqui fazemos uma pequenina tribuna, onde cada um de nós faz uma pequenina oração, pois há sempre algum sacrifício. Existe sempre alguma boa vontade por mais modesto e humilde que cada artigo seja. São sempre corações que se aproximam. Almas que se juntam. Rapazes que se amam mais. Esta nossa pequenina «Voz dos Novos» é dos números do nosso programa que alegremente cumprimos. Só é pena que as gentes das outras casas não sejam tão assíduas como desejamos. Mas continuaremos a persistir, para que não falte ninguém para que o «Diário da Tarde» progrida. Viva a «Voz dos Novos»... Têm a palavra, Miranda, Tojal, Setúbal e os Lares. Não ouvem nada também?

★

Campanha: Desta vez apresentamos uma queixa. E é do Avelino. Ora o Avelino quando se queixa, é porque tem razão. É ele quem fala nesta pequenina coluna do «Famoso». Assinantes que pagam, mas não mencionam o nome certo em que recebem o jornal. Outros que mandam importâncias sem nome nem número, nem nada. A gente não adivinha. Depois são os protestos do leitor amigo. A gente que se aguente com os despachos do Senhor Padre Carlos e Senhor Padre Manuel, quando na verdade não somos os culpados. Queremos ter toda a casa em ordem. O que é ainda mais importante, alguns leitores, depois de receberem o jornal anos e anos a fio, devolvem sem mais nada. Nem uma explicação. Sem uma pala-

receberá mensalmente com meta-de «para que Deus me ajude a subir a minha cruz ao Calvário». Uma mãe feliz, de Silva Porto, também estará presente todos os meses com 20 ags.

A dívida que resta da construção da Casa das Tecedeiras vai, devagarinho, abrindo os corações. Uma madeirense que tantas vezes tem estado presente nas dificuldades de Ordins, também agora não falta com 200\$. Que o Senhor lhe aplane as dificuldades, por que ora passa. Metade de quem não acudiu logo, por estar «à espera de poder enviar uma nota maior». Ficará para outra ocasião. Novelos... quando quiser. Metade de Cândida Maria, pedindo uma Avé-Maria.

Selos: nem viva alma, desta vez, me bateu à porta, ajudando na compra da máquina de tricotar, para a qual recebi, até hoje, 324\$70. Alegrem-se com o que vou dizer todos os que nos ajudaram e ainda todos os que sofreram por não o poderem fazer: temos já duas máquinas de tricotar!! Não precisamos de mais. Quem no-las ofereceu creio que não é leitor do Famoso. A campanha do selo, tão à altura de todos, não deve terminar. Há o consultório para apetrechar... e o mais que adiante se verá. A quantia acima dita de selos fica à espera de mais. É agora o consultório. Estas colunas vão-se tornar ilustres pelas pessoas ilustres dos médicos, enfermeiras e estudantes que aparecerão, não apenas com selos, mas com os objectos precisos num consultório. Ora vamos lá.

Eis as contas do meu rosário:

Deviam-se	23.800\$50
Pequenas despesas	59\$40
Carpinteiro	1.719\$40
Pedreiro e trolha	1.162\$80

26.742\$10

Dos leitores e da venda de materiais que sobraram	1.639\$80
---	-----------

25.102\$30

# Filhos de Pai incógnito

Mesmo há um bocadinho, desfolhando eu um pequeno livro de registos da Companhia à qual pertenco no cumprimento do serviço militar, dei com os olhos numa folha, onde se lia: «nome de pai—incógnito». Não sei por que sentimento, fiquei abalado. A visão daquela palavra fez-me fechar os olhos e gritar de dores que derivam desse registo tão amargo e tão injusto. Sempre quis saber se havia mais. Reparei em todas as folhas e encontrei mais quatro com a mesma designação. Vejam: num registo onde figuram uma centena de indivíduos, 5 deles sentem a vergonha e estão expostos às consequências duma falta que não cometeram. Este número diz-nos da miséria que a própria civilização vai deixando crescer. Se fôssemos a todos os registos civis, quantas páginas negras não encontraríamos! Quantas injustiças que nos ferem a alma e nos levam a dar contas, mesmo no banco dos réus, onde nos acusam

de ladrões ou vadios!

Amamos pela matéria e julgamos pela voz corrente dela. Aqui o engano. *A mulher e a criança têm que ser protegidas*, diziam-me há dias numa carta. E eu acrescento que têm que ser mais amadas e que o respeito para com a mulher tem que ser bem frisado no livro das leis.

Aquele rico, em bens materiais, não tem o direito de subjugar uma mulher pobre e arrastá-la para a lama que tu e eu sabemos; àquele rapaz não pode ser permitido o direito de desflorar uma rapariga e abandoná-la com um filho no colo, ao abrigo da prostituição. Não te estou a mostrar novidades, porque tu também sabes a causa de tanta lama. Eu aponto-a, só para te recordares dela, e diminuí-la se puderes. Olha de onde ela vem: um dia, deparei com este quadro: uma mulher e a fotografia dum rosto inocente. Perguntei de quem era. *É o meu filhinho*— respondeu ela coran-

to bem. Muitos assinantes e dos bons. Senhor Padre Carlos e o Mendes têm trabalhado. Andam cansados. Esgotados por calcurrear esta África Portuguesa, mas a verdade é que por ser assim é que os frutos são mais saborosos, os terrenos mais produtivos, as cores menos destrinchadas! E a campanha continua!

★

Flores. Muitas flores e das mais variadas. Que bela a melodia a daqueles canteiros peçados delas. A multicoloridade que dá ao ambiente ar de festa. Que bem que se está sentado ao pé dos frescos e relvados canteiros. Os verdes que beijam os cabelos de quem se aproxima. Isto também é a Casa do Gaiato. As flores também são da Família. São as estrelas da nossa constelação. O leitor não quer cá vir colher delas?

★

Aquele domingo estava radioso. Logo de manhãzinha são as excursões que chegam. A aldeia desperta depois de mais uma noite de paz e são sossego. Toca e todos se encaminham para a capela que é por onde começamos nos domingos e dias de festa. Mais um que começa a difícil escalada do altar. Que quer transpor as pedras graníticas, para daí poder levantar os olhos mais alto! Não sabemos porquê, mas aquele domingo 7 de Agosto, para nós, foi diferente dos outros. E foi com certeza. Quando alguém escolhe a amargura do cálix, logo se nota o sangue que corre nas veias da Família! Quando mais alguém começa a escalar a via crucis logo se notam os passos que nos acompanham. Logo damos fé dos doces raios do sol que começam a internar-se no meio desta verdura que nos cerca e reflete com mais intensidade nestas construções graciosas da Aldeia mais Portuguesa!

Dantel



Aqui Tojal. Mais um quadro de beleza que o leitor também viverá porque também da Grande Família! Sob doce atmosfera, aves, as mansas águas, mais eles.

do. Então, vi chorar aquela mulher, que tu e eu julgamos sem coração. A lembrança do ente querido fez acordar nela a sensibilidade maternal e trouxe-lhe a recordação do passado: a sedução e as promessas do rapaz que a desflorou, o aparecimento do inocente, a cegueira do juiz e as mentiras das testemunhas, tudo ela recordou por entre lágrimas. Foi repudiada por todos os que lhe podiam valer, andou à deriva, dormindo nos bancos dos jardins — ela e o inocente! Um dia, houve suspeita, e levaram-na para uma esquadra sendo depois mandada para a Prisão das Mónicas. O contacto com outras levou-a, ao chegar cá fora, a desfazer-se do «fardo» que lhe «pesava» nos braços. Entregou-o a uma «ama» e foi para a vida do pecado. Amou uma vez e esse amor foi retribuído com mentiras. E aquela mulher chora por trilhar esse caminho e por ter que abandonar o filho. Quanto não gostaria ela de o ter junto de si?! Contudo, teve que o dar a outra que não é mãe. Ela mesma frisou a dor por andar naquela vida. Ela mesma falou da vergonha que o filho virá a sentir, quando chegar à idade de compreender que não tem o «seu» pai e por ver a triste «podridão» da mãe.

Não peças amanhã contas pelos delitos praticados por este filho de ninguém.

Esta mãe, como muitas outras, chora a desdita de não possuir os seus filhos. *Eu queria que todas as mães gozassem totalmente as suas grandes fortunas* — diz Pai Américo, referindo-se às que os não podem possuir. E ele fala de uma lei que mandasse indagar e proceder, todas as vezes que no Registo Civil, aparecesse alguém a registar uma criança sem pai. Deixo-te este pensamento, para me ajudares e para te preocupares mais pelos que são vítimas sem serem culpados. Olha de onde provém muita prostituição, de onde nasce muita lama, que nós dizemos desfeiar o País Católico e Civilizado! Olha como o Pai Américo me conseguiu mais a muitos furtar da lama da rua e da vadiagem. A causa de

«Ordins» está por Amor à mulher... Ela nasceu por causa da lama que se propaga de pais para filhos. As cansaças de quem trabalha nestas causas, não são outras senão a de propagar a Verdadeira Civilização. A pe-

cadora que chora por lhe ser impossível ter consigo o «seu filhinho»! O grito dela pela vergonha que ele terá quando crescer! Eis a meditação das nossas faltas.

Ernesto Pinto

## AQUI AFRICA

# CAMPANHA DE 50.000

A maior Obra que saiu do coração de Pai Américo a maior que Deus lhe inspirou, foi, sem dúvida, a publicação deste pequenino *desordeiro* que tanto revoluciona a alma dos seus leitores. Daí, todas as oportunidades que se nos deparam para aumentar o número de leitores, devem ser aproveitadas. E assim tem sido nesta longa peregrinação pelo continente negro.

Aqui, sobretudo, para todos os que se enamorarem da Obra da Rua pela palavra do seu representante, nos encontros realizados em cinemas e teatros de Angola e Moçambique; aqui, sobretudo, em face da distância, sentimos quanto é imprescindível deixar um elo de ligação, o mensageiro da Paz e do Amor, o alimento que dá Vida e que mantém aberta a «ferida» causada pela nossa passagem — «O GAIATO».

Tem sido fértil, graças a Deus, a Campanha empreendida por cá. O Avelino tem sido bombardeado com listas e listas de novos assinantes. E os que hão-de ir! Sim, eu não duvido. Em Angola, a C. A. D. A., como já disse, vai propôr todos os empregados que se interessem pelo Famoso. Que se interessem, repito. Só deve assinar o jornal quem tiver desejo de o ler, de o saborear. De contrário, não! Ora por Angola, em Vila Luso, Silva Porto, Sá da Bandeira e Benguela principalmente, houve quem se dispusesse a receber e depois enviar para Paço de Sousa as listas dos que se queimaram de amor pelo «Gaiato». Aqui em Moçambique, na mesma. Moçambique não deixa seus créditos por mãos alheias. Em Lourenço Marques, Xai-Xai, Inhambane, Nampula, Ilha de Moçambique, Luabo, Gurné, Quelimane e Lumbo, terras por onde até agora passámos, também houve grande colheita. Só no Gurné — Vila Junqueiro, como ora se diz — registámos 52! Ainda falta a Beira. Ali o calor vai ser de torrar. E ainda falta a despedida em Lourenço Marques!

Graças a Deus por nos ter inspirado a ideia de semear e colher novos assinantes pró Famoso, nesta peregrinação. Mais que dinheiro — não foi por ele que nós viemos — interessam-nos assinantes. Gente que sem este adorável *desordeiro* mal conheceria e até esqueceria a Obra da Rua, mai-la sua mensagem.

E que daqui pró futuro, quizenalmente, terá oportunidade de aumentar o fogo que o Senhor Padre Carlos lançou nos corações.

Júlio Mendes

## MIRANDA DO CORVO

—Amigos leitores, cá estou uma vez mais para vos contar algo da nossa vida quotidiana.

Aniversário: no dia 16 de Julho, dia de aniversário da morte de Pai Américo, e dia de festa de Nossa Senhora do Carmo, nós também estivemos em união com o Senhor e com toda a Obra da Rua a celebrar o aniversá-

rio. Houve missa cantada e comunhão geral, celebrada em Miranda à qual vieram assistir os do Lar. Todos assistimos com muita devoção.

Dizia eu aniversário da morte. Aniversário mas é da Vida, visto que Pai Américo não saiu de junto de nós, pelo contrário, porque Ele está mais junto de Deus, nosso Pai todo poderoso, a contemplá-lo face a face, pedindo mais de perto por toda a

Obra da Rua, e por todas as crianças abandonadas. E nós acreditamos nesta grande verdade.

Visitas: no dia anterior, tivemos uma grande visita da Escola do Ma-

a Deus, dispensei da prova oral com 14 valores.

O Salvaterra e o Cigano passaram para o 2.º ano.



# PELAS CASAS DO GAIATO

## PATINS

O fim de vários anos de expectativa, o rink de patinagem é uma realidade. Vários motivos retardaram a sua execução. Era o local que não estava preparado. Eram outras obras mais urgentes que iam absorvendo o cascalho partido com tanto zelo, mesmo em horas de recreio, destinado, em princípio, ao rink. Era a falta de dinheiro para comprar o cimento. Agora era o tempo que ia muito quente e menos próprio para a execução destas placas. Depois era o frio, enfim, embora nunca se perdesse a esperança, não se acreditava já que fosse tão depressa. Foram anos de espera.

Não julguem o rink uma obra desnecessária numa Casa como a nossa. Não é uma obra a mais. Não é um luxo. São 180 rapazes a viver na nossa Aldeia e que têm necessidade de ocupar os seus tempos livres. O rink foi feito por causa deles e para eles. E não o foi por eles porque não podiam. O cascalho foi fruto do seu trabalho, bem como o transporte de toda a massa. De martelo em punho, padiola nas mãos, contentes como passarinhos, trabalharam para uma obra que é deles. Criar centros sadios de interesse para os nossos rapazes, onde possam ocupar seus tempos livres, é ajudá-los na cura dos seus ma-

les. O ócio é a mãe de todos os vícios. Por experiência, sabemos muito bem quanto de verdade contém esta frase. Como Pai Américo gostava de os ver cuidar das pombas e dos coelhos que chamavam deles, nas horas de recreio! Lembro-me ainda muito bem, como se fosse hoje, do dia em que foi inaugurado o pombal para pombos correios. Pai Américo quis estar presente e comer lá dentro o almoço da «festa» servido pelos columbófilos. Na altura, não compreendi bem toda a sua alegria e interesse e toda a importância dada àquele acto que poderíamos ser tentados a considerar banal. Agora sei. Aquele sítio seria, de futuro, lugar de cura para muitos rapazes. Gostamos tanto de os ver dentro do nosso portão aberto, já que sabemos lá fora o ambiente não os ajudar. É mesmo uma das nossas maiores angústias saber que o nosso esforço e o deles é, tantas vezes, minado por elementos do exterior.

É, pois, dentro desta linha e debaixo deste prisma que olhamos para o nosso rink de patinagem. Claro que as dores de cabeça vão aumentar. Até aqui, era o rink. Agora são os patins. Faltam os patins. Se algum ho- quista tiver os seus arrumados para um canto encontrará aqui óptima colocação para eles. Se as Casas de Desportos quiserem experimentar o seu material não percam esta oportunidade de nos ajudar. Agradecemos.

Padre Manuel António

## Setúbal

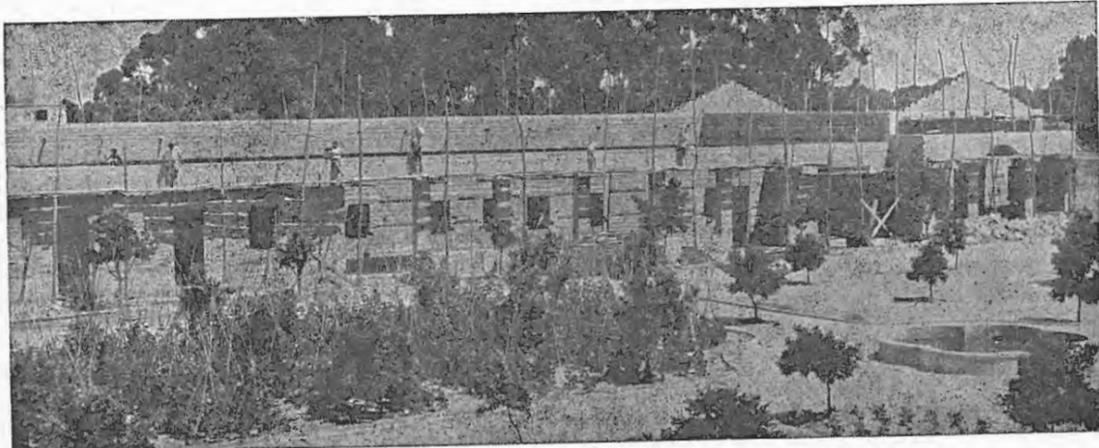
vem da página um

deles que jamais os apartará da Mãe que é a Obra da Rua, pois foi conquistada à custa do próprio sangue. É nossa: — é a sua expressão. Isto é nosso, dizem eles tantas vezes aos visitantes. Isto é nosso. Onde o fundamento da posse? O trabalho. O seu próprio esforço.

Eu peço a Padre Manuel António que me ponha a foto das nossas construções no jornal. Não é para mais nada. É para que os nossos amigos vejam. Eles têm acarretado o tijolo, dado a serventia, trabalhado de pedreiro e trolha, arrancado e carregado a areia e a água e tomado o gosto do crescimento da nossa casa.

E não andam tristes ou obrigados. Não. Alegres a cantar e a expandir a felicidade que lhes traz o trabalho. Se os senhores quiserem melhor venham ver.

Padre Acílio



Setúbal está cada vez maior e bonito, mas fez-se um nó na corda do Senhor Padre Acílio. Quem o ajuda a tirar? As águas do Sado estão perto e o barco tem de continuar sua rota!

gistério Primário de Coimbra que tanto nos honrou. Acompanhados por alguns professores, vinham cento e tal alunas e alunos entre os quais os nossos dois «futuros professores».

Eram 2 horas da tarde quando chegaram três autocarros ao largo em frente da nossa Casa. Depois de terem visitado tudo muito bem, houve um jogo de futebol que foi verdadeiramente emocionante. Ambas as equipas alinharam apenas com 8 jogadores. Não pudemos alinhar com onze porque alguns dos nossos rapazes não puderam marcar a presença por ser um dia de trabalho e ainda outros elementos ausentes em Santa Margarida (nas manobras) e em Setúbal.

O desafio demorou uma hora. A primeira parte dominaram eles quase completamente e marcaram um golo que foi o resultado que se conservou até ao intervalo.

Os nossos não desanimaram, antes pelo contrário, tanto que nos últimos 30 minutos, logo de início, foi estabelecido o empate por intermédio do Luís.

Os nossos jogadores receberam aplausos da assistência até mais não acabar. Pouco depois, o Trindade pôs a nossa equipa em vencedora com um violento remate que o guarda-redes nem viu por que lado entrou. Desta forma, os aplausos tornaram-se mais vibrantes, mas, para que a alegria e a boa disposição fosse unânime em ambas as equipas, o árbitro tratou de arranjar um livre perigoso que mais parecia um penalti. E assim conseguiram o empate com um remate à «queima roupa» de França, jogador do União de Coimbra.

Depois do jogo partiram para Coimbra, mas muito satisfeitos e impressionados com tudo aquilo que viram de simplicidade em nossa Casa!

Estudantes: como não podia deixar de ser, vou transcrever todos os resultados deste ano lectivo de 59-60.

Na minha primeira crónica dizia que o Trindade ia tentar... mas afinal conseguiu fazer História e Organização Política com grande êxito. Dispensou com 16 a Organização e foi à oral com a nota de 11 a História, com a qual passou. Ele e o Lita fizeram ainda o 1.º ano do Magistério ambos com 14 valores.

Chico foi fazer o 7.º ano de Ciências. Apenas fez quatro cadeiras porque havia deixado Físico-Químicas para Outubro e reprovou a Matemática. Foi uma nódoa que ficou a manchar este ano lectivo porque com um pouco mais de esforço teria feito todas as cadeiras.

Agora já está no Banco Pinto Magalhães no Porto. Oxalá que ele seja um homem pela vida fora como tantos outros que têm saído e felizmente se conduzem muito bem.

O António Francisco fez o 1.º de Enfermagem com média de 12 valores.

Eu, Dinis e Caneco fizemos um exame do 2.º ano brilhante. Eles ambos, foram à oral com a nota de 13 com a qual passaram depois de terem feito boa figura nas orais. Eu graças

O Joaquim e o José Carlos também tiveram passagem para o 2.º ano da Escola Comercial com resultados satisfatórios.

O Sardanica também fez o exame de Admissão ao Liceu.

Agora só temos que agradecer a Deus e também aos nossos professores, e especialmente à Ex.ma Direcção do Colégio «Pedro Nunes» cujas portas para nós estão sempre abertas de par em par, os sacrifícios que fizeram por nós, para que conseguíssemos terminar este ano lectivo de 59-60 cheio de êxitos.

Horácio

## TOJAL

CONFERÊNCIA: — Deliberamos intrometer na meditação de hoje, a par com a acção dos confrades, a Senhora Marcência.

Foi já desvendada há tempos, um pouquinho da sua vida. O espaço é longo e por isso cremos esquecida.

A senhora Marcência! A primeira vez que a conheci foi em casa da minha pobre. Depois, sempre que lá ia. Sorridente, bela e conformada, até ali, um dia solicita-me visitar a sua Casa. Cedi e pus-me a caminho. Estaquei à entrada, apurei mais a visão, e mão na testa reflecti antes de colocar dentro os pés. É que não via nada! Não estava acostumada a tanta escuridão, mau cheiro e jamais pensara que gente vizinha tão abundante oussasse alimentá-la de fome, de frio e de imundície.

Agora, já mais ambientado pude examinar plena e claramente uma outra barraquinha interior de pequenas tábuas e dentro um tabuleiro encimado e enfeitado por um molho de palha estendida, encoberto de panos de sarapilheira.

Amparou assim, um dia, o seu leito para os demais da sua vida.

Uns 30 centímetros mais alto e podia ver distintamente o céu azul ou as nuvens ameaçadoras por buracos disseminados a irritar o seu velho corpo.

Soube mais tarde que a minha pobre lhe autorizava pernoitar no seu quarto nos temporais.

A nossa Conferência conhece o seu estado e resolve acolhê-la.

Uns dias após, é, de madrugada furiosa, transportada ao Hospital de São José. Vai aflita. O caso é grave. Duvida-se que escape. Lá se internou. Por força de Deus ao cabo de seis meses já cá fora.

Não podia ocupar a sua toca. Não se podia lá entrar, muito menos viver. Ratos, centopeias, aranhas e suas teias de meio metro eram os habitantes dignos de tal enxovia.

O filho admite-a em sua casa. Dá-lhe um cantinho de uma sala. Aqui e acolá come um caldinho. As noites passava-as na pedra do canto da sala. Piora de dia para dia. Fomos ao encontro e um belo dia destes pôde entrar numa casa nova, linda e limpa, airosa, desinfectada e farta, repousar num leito lavado, fofo e preparado com carinho vicentino e dormir o melhor sono da sua vida. Foi o seu testemunho no dia seguinte, ao seu confrade.

Vejam o contraste. É assim. Quem não gosta de ser regenerador? Vidas de ferrapos, deformadas pela fome, transformadas em vidas de porte decente, que se não acanhem seja aos mais pintados, a todos um sorriso franco e cristão. E continua a ser um testemunho seguro.

A esta regeneração se dedicam de coração todos os vicentinos tanto mais rendosa e progressiva quanto mais ajuda e apoio de vós todos. Há necessidade sempre de actuar em conjunto.

Sede animadores incansáveis desta transformação social e cristã. Saibamos ter e proporcionar horas felizes. Não nos dissipemos.

Que a virtude de Deus desça a dar sentido verdadeiro à nossa acção e nos anime mais e mais.

A nossa Conferência tem desejos de auxiliar os seus pobres de tal maneira que não tenham necessariamente de pedir de porta em porta e de terra em terra quase todos os dias da semana.

Zé do Porto

## Inquietação Sacerdotal

«Abraço-te e rezo louvando a Deus contigo.

Venho dizer-te que hoje te invejo. Experimentei, finalmente, a alegria de amar Cristo só por Cristo. É bem verdade que só nos pobres, naqueles em quem nada mais nos seduz senão o Cristo sofredor, em quem a cultura, a própria companhia ou coisa deste mundo nos não atraem, só nestes se pode facilmente amar a Cristo em toda a sua pureza. Como tenho pena de só agora ter descoberto tão encantadora verdade!...

Vou contar-te em breves palavras: — eu que nunca fui confrade, dediquei-me a estender o espírito da Conferência de São Vicente de Paulo e fundei uma. Nela coloquei as almas mais rectas e puras da freguesia. Eram doze homens, mas não cessam de aumentar. Por muito que te escandalizes eu nunca tinha penetrado a fundo no drama do pobre. Imaginava, tinha lido e ouvido... não tinha, porém, vivido.

Por isso te invejo. Sofrendo tanto com os que sofrem, deves ser imensamente feliz. Deves entender Cristo, com grande facilidade. Agradece, eu agradeço contigo, e pede para mim e demais sacerdotes a graça que tão cedo a ti foi dada.

Hoje sei o que é não ter abrigo, nem roupa, nem cama, nem cobertores, nem comer, nem... amor de ninguém.

Agora escuta o que te venho dar: — uma ocasião de dares. Será mais uma prova de amor de predilecção com que Cristo te ama. Se, porém, não fôr oportuno, em nada te desgostes comigo. Falaste-me da última vez que estiveste comigo do funlo do «Património dos Pobres». Poderás mandar para aqui uma migalha?... Crê que dificilmente a poderás empregar melhor. É para fazermos uma casinha para uma família miserável que vive numa «pocilga» e em constante perigo de ficar sob as ruínas. Não têm cama, nem tinham roupa, nem mobília, nem louças, e metade da casa já ruiu; o resto está por forma que permite cumprir os que estejam dentro, desde cá de fora. Um dia te mandarei fotografias para que o Demónio te não diga que «podes descansar».

Vamos fazer-lhe uma casa que ficará ligada ao nome de «Pai Américo» a quem devo a primeira abertura de alma para este

Continua na segunda página